

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 23/09/2017.

ALINE MICHELINI MENONCELLO

**PEDRO LESSA, UM JUIZ-HISTORIADOR:
Nação, Patriotismo e Raça**

**ASSIS
2016**

ALINE MICHELINI MENONCELLO

**PEDRO LESSA, UM JUIZ-HISTORIADOR:
Nação, Patriotismo e Raça**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de mestra em História. (Área de Conhecimento: HISTÓRIA E SOCIEDADE)

Orientador: Hélio Rebello Cardoso Jr.

**ASSIS
2016**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

Menoncello, Aline Michelini
M547p Pedro Lessa, um juiz-historiador: nação, patriotismo e raça /
Aline Michelini Menoncello. Assis, 2016.
133 f.: il.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras
de Assis – Universidade Estadual Paulista
Orientador: Dr. Hélio Rebello Cardoso Jr.

1. Lessa, Pedro 1859-1921. 2. Historiografia. 3. História. 4.
Patriotismo. I. Título.

CDD 981.01

ALINE MICHELINI MENONCELLO

PEDRO LESSA, UM JUIZ-HISTORIADOR: Nação, Patriotismo e
Raça

Dissertação apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras – UNESP para a obtenção
do título de Mestra em HISTÓRIA (Área de
Conhecimento: HISTÓRIA E SOCIEDADE)

Data da Aprovação: 23/09/2016

COMISSÃO EXAMINADORA



Presidente: PROF. DR. HÉLIO REBELLO CARDOSO JUNIOR - UNESP/ASSIS

Membros: PROF. DR. FERNANDO FELIZARDO NICOLAZZI - UFRS/POROTO ALEGRE



PROF. DR. MILTON CARLOS COSTA - UNESP/ASSIS

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Hélio Rebello Cardoso Jr. pela orientação. Durante os três anos de trabalho, Hélio acolheu as minhas divagações, ajudou-me a transformá-las em textos, ensinou-me a pesquisar, a apresentar e a desenvolver minhas ideias, permitiu que eu escolhesse, com liberdade, um caminho. Além disso, não me deixou desanimar com as primeiras negativas, corrigiu as incoerências e, mesmo com o prazo quase se esgotando, confiou em mim e indicou o caminho para a dissertação ficar melhor. Posso afirmar que Hélio me ensinou a ser uma pesquisadora feliz.

Antes do exame de qualificação, ao escrever um resumo, um texto para anais ou um capítulo, eu me recordava das correções do professor Hélio e buscava seguir suas orientações. No exame de qualificação, debatemos e corrigimos os caminhos escolhidos e, por fim, concluímos a caminhada com mais segurança. Agradeço também aos professores Fernando Nicolazzi e Milton Carlos Costa pela contribuição.

Por mais solitária que possa ser esta caminhada, ao longo do trajeto encontrei outros caminhantes. Unimo-nos e trocamos textos, desperdiçamos algum tempo conversando sobre assuntos do cotidiano e comemoramos cada etapa concluída. Agradeço ao meu amigo Thiago Augusto Modesto Rudi, o garoto que se sentava duas mesas à frente na biblioteca e, naquela época, eu nem podia imaginar quantas histórias compartilharíamos. Agradeço aos meus amigos de graduação que sempre estiveram próximos nessa jornada, o Rodrigo Costa e Silva, a Mirian Senna de Araújo, a Micheli Salles e a Angela Almeida. Agradeço ao Marco Antônio Milani e à Vanessa Rovaris, meus veteranos que me acolheram no sertão assisense. Agradeço à Daiane Buendía, à Gabriela D'Avila Brönstrup, à Marina Tonon, ao Roberto Manoel Andreodi Adolfo, ao João Ohara, ao Thiago Viotto e à Maria Rita de Cassia Leonardo por dedicarem seu tempo para ler os meus textos ou para ouvir as minhas ideias.

No começo do curso de mestrado quase tudo é festa, afinal, não foi fácil passar pelo processo seletivo. Amizades foram construídas ao longo do primeiro semestre enquanto cursávamos as disciplinas. Agradeço ao Naor Franco de Carvalho, à Maria Angélica Lacerda Marin, à Gilvana Gomes e à Lahís Moreno por compartilharem aquele primeiro semestre.

Tal caminhada também contou com apoio técnico dos secretários do Programa de Pós-Graduação e dos bibliotecários, agradeço a todos os funcionários por atenciosamente solucionarem as minhas dúvidas e atenderem às minhas solicitações.

No momento em que o mestrado ainda era um desejo e eu aguardava o resultado final do processo seletivo, tive a oportunidade de exercer a docência na Escola Estadual Dona Cota.

Essa foi, sem dúvida, uma experiência ímpar em minha vida, agradeço à direção, à secretaria, aos coordenadores, aos professores e aos alunos por me ensinarem tanto em tão pouco tempo. Foi lá também que encontros transformadores aconteceram potencializando mudanças na minha forma de conceber e de praticar a docência, agradeço aos meus amigos Camila Silva e Fábio Morelli pela partilha de projetos e de mundo.

Toda essa experiência só foi possível porque meus pais me auxiliaram, ensinaram-me, ao seu modo, “a correr atrás do que desejo”, mesmo quando meus planos não aconteceram no tempo que desejei. Ao Ronaldo Menoncello e à Ivani de Fátima Michelini Menoncello, agradeço-lhes pelo amor, pela paciência e pela compreensão em todo esse tempo de ausência. Agradeço ao meu irmão, Rafael Michelini Menoncello, e a minha cunhada, Joseane Pavam, por me proporcionarem a experiência de ser tia, dando-me dois sobrinhos lindos, Israel Henrique e Rafaela Vitória. Agradeço também aos meus avôs Nair de Paula Menoncello e Nadalino Michelini por partilharem as suas experiências de vida e me receberem com abraços aconchegantes.

Agradeço imensamente a minha esposa, Karina Anhezini, por partilhar sonhos, dias bons e dias nem tão bons assim, por tornar os dias mais leves, por rir e chorar comigo, por me acolher e por ensinar a confiar em mim. Esse encontro foi tão inesperado que chego a acreditar que os destinos estavam traçados.

Por fim, e não menos importante, agradeço à CAPES por financiar por vinte e quatro meses esta pesquisa.

MENONCELLO, Aline Michelini. **Pedro Lessa, um Juiz-Historiador:** Nação, Patriotismo e Raça. 2016. 133 f. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

RESUMO

Inserida na área de História da Historiografia, esta dissertação de mestrado questiona qual é importância da História nas primeiras décadas do século XX, em um cenário de crescente especialização das Ciências Sociais. Para realizar tal investigação, com o intuito de analisar os textos de Pedro Augusto Carneiro Lessa (1859-1921), este trabalho apropriou-se das noções teóricas de “obra” e de “autor” oferecidas por Michel Foucault. No início do século XX não existiam historiadores de formação acadêmica no Brasil, havia homens que exerciam diferentes funções, sendo militares, letrados, médicos, diplomatas e juristas que conciliavam suas profissões e trabalhavam pela História. Suas contribuições foram diversas: recolhiam documentos, escreviam textos, organizavam arquivos e bibliotecas. Muitos deles foram sócios dos Institutos Históricos, participavam de reuniões, emitiam pareceres e apresentavam discursos e estudos quando solicitados. Nesse cenário, Pedro Lessa, professor da Faculdade de Direito de São Paulo, juiz do Supremo Tribunal Federal e sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), não dedicou textos à narração de fatos históricos, mas refletiu acerca da importância da História para aquele presente. Além disso, como membro do IHGB, assumiu a função de Juiz-Historiador e apresentou juízos históricos para diminuir a criminalidade e o preconceito racial. As fontes privilegiadas nesta investigação foram a introdução de Lessa para a obra de Henry Thomas Buckle, os quatro capítulos do livro *Estudo de Filosofia do Direito*, as atas da *Revista do IHGB* (1901-1921) e as conferências do Juiz-Historiador a respeito de João Francisco Lisboa e de Francisco Adolfo de Varnhagen. Por meio desse *corpus* documental identifiquei três importantes discursividades, *nação, patriotismo e raça*.

Palavras-chaves: Pedro Lessa. História da Historiografia. Nação. Patriotismo. Raça.

MENONCELLO, Aline Michelini. **Pedro Lessa, a Judge-Historian: Nation, Patriotism and Race.** 2016. 133 f. Dissertation (Master's Degree in History). Faculty of Science and Letters, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Assis, 2016.

ABSTRACT

Inserted in the area of History of Historiography, this master's thesis questions what is the importance of history for the first decades of the twentieth century, in a scenario of increasing specialization of Social Sciences. In order to analyze the texts of Pedro Augusto Carneiro Lessa (1859-1921) and carry out such investigation the present work has appropriated of the theoretical concepts of "work" and "author" offered by Michel Foucault. In the early twentieth century there were no academically formed historians in Brazil, although there were men who performed different functions, such as military, scholars, doctors, diplomats and lawyers who conciliate their professions with their work for History. Such contributions were diverse, as they collected documents, wrote texts, organized files and libraries. Many of them were members of the Historical Institutes, attending meetings, issuing opinions and presenting speeches and studies when requested. In this scenario, Pedro Lessa, a professor at Faculty of Law of São Paulo, judge of the Supreme Court and member of the Brazilian Historical and Geographical Institute (IHGB), have not dedicated texts to the historical facts narrative, however he reflected on the importance of history for his present. Moreover, as IHGB member, he took the Judge-Historian function and performed historical judgments to reduce crime and racial prejudice. The sources selected in this research were the *Introduction* to the work of Henry Thomas Buckle, four chapters of the book *Philosophy of Law Study*, the records of the IHGB Magazine (1901-1921), the conference on *João Francisco Lisboa* and *Adolfo Francisco Varnhagen*. Through this documentary *corpus* I identified three major discourses, *nation*, *patriotism* and *race*.

Keywords: Pedro Lessa. History of Historiography. Nation. Patriotism. Race.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. <i>É o Brasil um país atrasado? Um guia de leitura</i>.....	13
1.1. Um leitor de <i>Augusto Comte</i>	22
1.2. O método positivo e as Ciências Sociais	31
1.3. História: um método seguro	35
1.4. Uma advertência à concepção da história antiga e moderna	40
2. Julgamentos a serviço da História.....	55
2.1. Narrador ou <i>Juíz-Relator</i> ?	62
2.2. Estudo ou Absolvição?	73
2.3. Laudo ou Sentença?	86
3. Raça e criminalidade: para que se deve escrever história.....	95
3.1. Queremos o que queremos?	97
3.2. Educação: a solução para diminuir a criminalidade	103
3.3. A mescla das três raças	109
CONCLUSÃO.....	121
REFERÊNCIAS.....	124

Introdução

Pedro Lessa é um nome próprio que, assim como tantos outros, foi escolhido para nomear diversos lugares. No momento em que escrevo ou no instante em que alguém lê, crianças e jovens provavelmente estudam na Escola Municipal Pedro Lessa, no Rio de Janeiro, na Escola Estadual Pedro Lessa, em Minas Gerais, e jovens assistem a uma aula do curso de Direito da USP na Sala Pedro Lessa. Outras tantas pessoas trabalham no Fórum Pedro Lessa de São Paulo ou em lojas de construção do Comercial Pedro Lessa em Santos. E ainda milhares trafegam pelas ruas, avenidas ou praças Pedro Lessa em Salvador (BA), em São Luís (MA), em Belo Horizonte (MG), em Governador Valadares (MG), em Serro (MG), em Campo Grande (MS), em Camaragibe (PE), em Recife (PE), em Duque de Caxias (RJ), em Nova Iguaçu (RJ), no Rio de Janeiro (RJ), em Volta Redonda (RJ), em Alvorada (RS), em Passo Fundo (RS), em Porto Alegre (RS), em São Leopoldo (RS), em Florianópolis (SC), em Joinville (SC), em Lages (SC), em Jundiaí (SP), em Santo André (SP), em Santos (SP) ou em São Paulo (SP). Ou alguém, quem sabe, possa se divertir no Casarão Pedro Lessa ou nadar em alguma das cachoeiras do Distrito Pedro Lessa¹.

Diante desses lugares que recebem o nome de Pedro Lessa, talvez uma pessoa indagasse: quem foi esse homem? A resposta poderia ser bem simples e ocupar o espaço de uma nota de rodapé ou de uma placa explicativa ou, ainda, preencher uma cartolina pregada na parede: *Pedro Lessa nasceu na cidade de Serro do Estado de Minas Gerais em 1859, estudou Direito na Faculdade de São Paulo, foi professor de Filosofia do Direito na mesma instituição, alguns anos mais tarde tornou-se Ministro do Supremo Tribunal Federal, foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Imortal da Academia Brasileira de Letras e Presidente da Liga da Defesa Nacional. Era abolicionista e republicano, escreveu importantes obras. Faleceu em 1921 na cidade do Rio de Janeiro.* Pronto, a pessoa curiosa poderia trafegar sabendo quem foi o nome da rua, o guia turístico teria a informação para dar aos visitantes animados com suas *selfies*, os alunos saberiam quem nomeia a escola onde estudam e este trabalho se encerraria no próximo ponto final.

Mas talvez a pergunta “quem foi Pedro Lessa?” fosse respondida, com tom memorialístico, em uma cerimônia dedicada a comemorar o nascimento de Lessa. Pessoas reconhecidas pelos seus pares ocupariam os lugares de fala e destacariam em seus discursos a importância de Pedro Lessa e de seus feitos. Assim fizeram, em 1959, Miguel Reale e Rubem

¹ Os nomes das cidades foram consultados no site dos Correios.

Nogueira, professores de Direito, Otto Gil, presidente do Instituto dos Advogados do Brasil, e Edgar de Castro Rebello, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Eles realizaram apresentações rememorando a personalidade Pedro Lessa e publicaram seus estudos na *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo* e na *Revista do IHGB*. Em data mais recente, em 2009, a Academia Brasileira de Letras (ABL) organizou um ciclo de palestras e a ministra do Supremo Tribunal Federal, Ellen Gracie Northfleet, realizou uma conferência em comemoração aos 150 anos de nascimento de Pedro Lessa.

Entretanto, “quem foi Pedro Lessa?” poderia ser a pergunta de um biógrafo que, com mais cuidado e atenção, narraria a vida de Pedro Lessa vinculada às principais instituições das quais participou, ou ainda recortaria sua vida dando enfoque a um dos aspectos de sua carreira. Roberto Rosa, o primeiro biógrafo de Pedro Lessa, respondeu essa indagação em livro publicado em 1985. De modo sucinto, o autor descreveu a participação de Lessa na Faculdade de Direito de São Paulo, no Supremo Tribunal Federal (STF) e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Carlos Bastides Horbach escreveu, a pedido do STF, a segunda obra de caráter biográfico acerca de Pedro Lessa. A Suprema Corte, para narrar parte de sua história, criou a coleção “Memória Jurisprudencial”². Cada um dos onze livros da coleção descreve a atuação de um ministro do STF e apresenta seus principais Acórdãos. Pedro Lessa é um dos ministros que integra a coleção.

O trabalho biográfico sobre Pedro Lessa também poderia ser de cunho acadêmico, realizado por algum pós-graduando ou por um professor universitário. Tal profissional teria um longo caminho a percorrer, consultaria a correspondência e o arquivo pessoal, entrevistaria os familiares e, sem cair na ilusão biográfica³, recortaria um aspecto da vida de Pedro Lessa como os preconceitos raciais vivenciados por ele. Tal trabalho não foi realizado, mas um dado biográfico antes ausente foi desvelado na década de 1990 a partir de um juízo de valor de Leda Boechat Rodrigues, que explicou que a atuação combativa de Lessa no STF devia-se à “falta de alvura”⁴ do autor. Contudo, a invisibilidade da cor de pele de Pedro Lessa tornou-se efetivamente visível em 2003, quando Joaquim Barbosa foi nomeado pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva para assumir uma vaga no STF no dia 7 de maio⁵. Tal nomeação foi

² A coleção “Memória Jurisprudencial” está disponível em:

<<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verTexto.asp?servico=publicacaoPublicacaoInstitucionalMemoriaJurisprud>> acesso em 16 ago. 2016.

³ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 183-191.

⁴ RODRIGUES, Lêda Boechat. *História do Supremo Tribunal Federal: Doutrina Brasileira do habeas-corpus*. 1910-1926. (Tomo III). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. S. A., 1991b, p. 124.

⁵ LULA ESCOLHE primeiro negro para ministro do STF. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u48785.shtml>>. Acesso em: 16 ago. 2016.

noticiada pela imprensa com grande alarde, pois Barbosa seria o primeiro negro a tornar-se ministro da Suprema Corte. No entanto, Rodrigues, a historiadora do Supremo, quis corrigir esse lamentável engano, e no dia 8 de maio contou à *Folha de S. Paulo* que, antes de Barbosa, o Supremo tivera dois ministros negros ou, em suas palavras, o “mulato claro” Pedro Lessa e o “mulato escuro” Hermenegildo Rodrigues de Barros⁶. Embora a notícia quisesse “corrigir” um dado, não foi capaz de problematizar que entre as nomeações de Rodrigues de Barros e de Joaquim Barbosa havia um intervalo de 84 anos.

Talvez o acadêmico, ao invés de realizar uma biografia, quisesse investigar as questões políticas de um tempo e seguindo as regras investigativas da História Intelectual pudesse adotar o conceito de sociabilidade⁷. Encontraria na correspondência imensas possibilidades para interrogações. Poderia, ao mapear os principais correspondentes de Pedro Lessa, descrever as suas intenções, os cargos almejados, os acordos compactuados, os engajamentos, os textos inéditos, a recepção de uma obra no Brasil, como se deu sua entrada no IHGB, na ABL e no STF e narrar quem convidou Lessa para escrever a introdução para a obra de Henry Thomas Buckle. Essas e outras descrições, sob a análise do pesquisador, levariam a compreender o complexo cenário intelectual brasileiro da Primeira República e a evidenciar os juízos sobre a nação e as soluções propostas para o país.

Além de Pedro Lessa poder ser objeto da biografia e da História Intelectual, ele também poderia ser investigado por um pesquisador da História da Historiografia, afinal ele foi sócio do IHGB e ajudou a refletir sobre a História. O pesquisador, nesse caso, poderia adotar como ferramenta investigativa a noção da operação historiográfica⁸ e selecionar os textos de Pedro Lessa dedicados à História. Assim, o autor, ao analisar um trabalho histórico, atentar-se-ia para o “lugar social” do historiador, ou seja, para as condições socioeconômicas, políticas e culturais, as imposições e privilégios, pois o estudo histórico é produto de um lugar. Em seguida, observaria as “práticas científicas”, os métodos e regras de pesquisa daquele tempo. E, por fim, avaliaria a “escrita”, afinal é ela que revela a identidade do historiador.

Pedro Lessa não é, enfim, um simples nome próprio. Além de nomear lugares, ele também pode ser objeto de vários estudos e responder a diversas perguntas. Este trabalho não é um estudo biográfico, mesmo apresentando, sempre que possível, as peripécias da vida de

⁶ STF JÁ teve dois ministros mulatos, diz historiadora. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u48817.shtml>>. Acesso em: 16 ago. 2016.

⁷ SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história Política*. [Tradução Dora Rocha]. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231-269.

⁸ CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: _____. *A Escrita da História*. [Tradução de L'Écriture de l'Histoire]. 2ª Ed. Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária. 2002, p. 65-119.

Lessa. Esta dissertação também não é um estudo de História Intelectual, embora eu tenha me dedicado a compreender os juízos de Lessa para o Brasil. O que esta investigação é afinal? É um estudo inserido na área de História da Historiografia, mas não escolhi o caminho da “operação historiográfica”, mesmo dedicando um capítulo à atuação de Lessa no IHGB. Cada método investigativo citado ajudou de alguma forma a construir este trabalho, ora me ensinando que não posso afirmar com absoluta certeza o que o autor pensava ou desejava, ora me permitindo perceber que os afetos e desafetos interferiam quando Lessa, como relator, escrevia seus pareceres, ora ainda me auxiliando a analisar com cuidado a sua escrita, afinal, é um produto do lugar que o autor ocupava na Primeira República.

O caminho que trilhei foi pensar *com* Michel Foucault e isso não quer dizer que fiz um trabalho arqueológico de um autor. Apenas, e só apenas, inspirei-me na maneira como Foucault problematizou as categorias “obra” e “autor”. A imagem do “nó em uma rede” que o autor ofereceu serviu-me como uma metáfora. Identifiquei “nós discursivos”, neles visualizei fios, vários fios, percebi como os fios textualmente se emaranharam e busquei desatá-los. Pude identificar alguns fios mais densos que outros, uns mais curtos, outros mais longos. Tinha em mãos os estudos considerados históricos do juiz Pedro Lessa e todo esse trabalho pré-arqueológico permitiu-me perceber que havia uma conexão entre a História e o Direito na Primeira República, então interroguei os estudos de Pedro Lessa: como alguém formado em Direito compreendia a utilidade da História? E de que modo um juiz trabalhava no IHGB?

Pude perceber, ao longo da pesquisa, três fios mais densos, o *fio-nação*, o *fio-patriotismo* e o *fio-raça*. Dedicarei um capítulo para investigar cada um deles e analisar com quais outros fios eles se emaranharam. No primeiro capítulo, o “nó” é formado pela *Introdução* que Pedro Lessa escreveu, em 1900, para a tradução da obra de Henry Thomas Buckle, *História da civilização na Inglaterra*, e pelos três primeiros capítulos de seu livro *Estudo de Filosofia do Direito* (1912). Na *Introdução* à obra de Buckle, o autor refutou a ideia de Brasil do britânico e a cientificidade da História. Tal negação chamou a minha atenção, pois as primeiras 109 páginas escritas por Pedro Lessa no livro *História da civilização na Inglaterra* negavam a tese buckleana. Eis que achei o *fio-nação*. Logo, o que Lessa contrariava era a ideia de nação de Buckle. Para entender os argumentos do jurista, percorri os outros fios que estavam ali emaranhados: o *fio-comte*, o *fio-ciências-sociais*, o *fio-filosofia da história*, o *fio-método*, o *fio-história*. No entanto, as respostas não podiam ser encontradas apenas na *Introdução* de Lessa à obra de Buckle. Tive que buscá-las em outros textos e as encontrei nos três primeiros capítulos de *Estudo de Filosofia do Direito*. Ao desatar esse “nó”, pude entender como, para Lessa, as Ciências Sociais e a História poderiam ajudar no progresso nacional.

A introdução de Lessa à obra de Buckle – depois renomeada duas vezes, como *É a história uma ciência?* e como *Reflexão sobre o conceito da história* – foi lida e aprovada pela Comissão de História do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. A partir da sua posse como sócio do IHGB, Lessa também passou a trabalhar pela História. Interroguei-me, então, no segundo capítulo: qual *função* Lessa exercia no IHGB, juiz ou historiador? Para responder a essa pergunta percorri todo o período em que Lessa esteve na instituição, entre 1901 e 1921, consultando as atas, e encontrei 9 pareceres, o estudo em homenagem ao centenário de nascimento de *Francisco Adolfo de Varnhagen* e o *Laudo Definitivo*, fontes que formaram um novo “nó discursivo”. Uma palavra recorrente nessas fontes era patriotismo, portanto, decidi percorrer esse fio e encontrei outros três a ele emaranhados, o *fio-relator*, o *fio-historiador* e o *fio-documento*. Ao desatar esse outro “nó” pude perceber uma singularidade de historiador possível na Primeira República.

Com dois “nós” desatados, ou seja, após entender a importância das Ciências Sociais e da História para a construção do progresso nacional para o autor e a *função* Juiz-Historiador que Lessa desempenhava no IHGB, pude, com mais segurança, percorrer no terceiro capítulo o *fio-raça*. Para investigá-lo tive que desatar um último “nó discursivo” formado pela *Introdução* à obra de Buckle, pelo estudo a respeito de Varnhagen, pela conferência sobre João Francisco Lisboa e pelo quarto capítulo do *Estudo de Filosofia do Direito*, intitulado *O Determinismo psíquico e a Imputabilidade e Responsabilidade Criminais*. Encontrei, emaranhados ao *fio-raça*, os fios teóricos, *fio-livre-arbítrio* e *fio-determinismo*, e os fios históricos, *fio-índios*, *fio-negros*, *fio-jesuítas* e *fio-colonizadores*. Com eles foi possível elaborar duas perguntas: qual teoria científica os cientistas sociais deveriam adotar para solucionar a criminalidade? E qual juízo histórico o historiador poderia oferecer para as Ciências Sociais para acabar com o preconceito racial? Convido o leitor a conhecer este exercício de desatar os “nós” e a perceber qual passado histórico era útil para superar os problemas daquele presente.

CONCLUSÃO

A tarefa de puxar fios para desatar os nós foi a forma metafórica que encontrei para ilustrar as reverberações dos conceitos, dos temas e das preocupações caras às Ciências Jurídicas nos trabalhos históricos de Pedro Lessa. Selecionei para esse exercício alguns dos textos de autoria do Juiz-Historiador: a *Introdução* à obra de Buckle, as conferências a respeito de *João Francisco Lisboa* e de *Francisco Adolfo de Varnhagen*, o discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, os pareceres e o *Laudo Definitivo* e os quatro primeiros capítulos de *Estudo de Filosofia do Direito – Metodologia Jurídica, A arte, a ciência e a Filosofia do Direito, Complexidade do Direito e O Determinismo Psíquico e a Imputabilidade e Responsabilidade Criminais*.

Adotei como inspiração teórica as problematizações de “obra” e “autor” oferecidas por Michel Foucault com a intenção de pensar *com* e não *como* Foucault. No primeiro capítulo, tais problematizações permitiram-me indagar qual era a função da introdução de um livro, afinal Pedro Lessa escreveu 109 páginas introdutórias para a obra de Henry Thomas Buckle, *História da civilização na Inglaterra*. Ao constatar que Lessa não fez uma apresentação da obra do historiador britânico, mas ofereceu críticas às suas ideias de civilização, de progresso e de nação, pude perceber que a introdução do jurista brasileiro era uma espécie de advertência ao leitor. Porém, Lessa não criticou apenas as ideias de Buckle, indicou, também, outros filósofos e historiadores que, ao adotarem os métodos teológicos, metafísicos ou subjetivistas para escrever História, compactuavam com preconceitos raciais. Tal erro poderia ser corrigido, segundo Lessa, se o historiador compreendesse que a História, por meio de seu método descritivo, oferecia juízos e análises para as Ciências Sociais. E que essas ciências, ao contrário da História que buscava dar um sentido para a civilização, estudariam a sociedade e descobririam as leis sociais.

A *Introdução* de Lessa à obra de Buckle foi republicada em forma de livro com o título *É a história uma ciência?* A obra foi lida e aprovada pela Comissão de História do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o seu autor passou a trabalhar pela História dentro do IHGB. Ao mapear os trabalhos de Lessa – os pareceres, o estudo a respeito de Varnhagen e o *Laudo Definitivo* –, problematizei a categoria “autor”, o que tornou possível, no segundo capítulo, identificar a *função* que Lessa exercia. O capítulo foi dividido em três tópicos: no primeiro tópico, ao analisar os pareceres de Pedro Lessa, percebi que ele agregava os dois sentidos da função relator que encontrei nos dicionários do período, *narrador* e *juiz-relator*, pois, ao avaliar uma obra, Lessa a apresentava e a julgava.

Além do trabalho na Comissão de História, Pedro Lessa também foi indicado pelos sócios do IHGB para apresentar um estudo sobre Varnhagen em comemoração ao centenário de nascimento do autor. Tal tarefa não era fácil, pois, embora reconhecido por muitos como um grande historiador, Varnhagen contava também com severas críticas. Ao assumir tal função, Lessa não deixou de citar as incoerências que pesavam sobre a biografia de Varnhagen, mas não o condenou, pelo contrário, justificou seus erros e reafirmou seu lugar como “pai da historiografia brasileira”; desse modo, Lessa absolveu Varnhagen. No último tópico do capítulo, analisei o *Laudo Definitivo*, texto que Pedro Lessa redigiu para cessar a briga entre o historiador Oliveira Lima e o jornalista Gonçalves Maia a respeito da data correta para a comemoração da Confederação do Equador. Lessa assumiu, nessa ocasião, a função de “árbitro” e apresentou a sua sentença, o melhor dia seria 2 de julho. Constatei por meio desses três exemplos que Pedro Lessa era mais do que um historiador, era um historiador togado, aquele que narra, julga, absolve e sentencia.

Após compreender que a História para Pedro Lessa era um campo empírico para as Ciências Sociais e que ele exerceu a *função* de Juiz-Historiador no IHGB, percebi que seu trabalho sobre a História da Escravidão não foi publicado na revista do Instituto, porém o evento foi tratado brevemente nos estudos que realizou a respeito de João Francisco Lisboa e de Francisco Adolfo de Varnhagen. A ausência de uma publicação e a presença do tema em outros textos de Lessa levaram-me a recorrer, mais uma vez, à problematização da noção de “obra”. Desse modo, analisando os textos com cuidado pude observar as “remissões” aos temas escravidão, índio, negro, colonizador e jesuíta, e investigar quais eram os juízos de Lessa sobre o passado nacional. Contudo, antes de analisar os seus juízos históricos, investiguei o diagnóstico de Pedro Lessa para aquele presente e pude perceber a sua preocupação com o preconceito racial.

De acordo com Pedro Lessa, tal preconceito, associado à criminalidade e às teorias do livre-arbítrio ou do determinismo físico, potencializava uma perseguição ao indivíduo mais vulnerável e não solucionava o crime. A solução jurídica para o crime era a educação, pois Lessa acreditava que por meio da formação moral e intelectual era possível recuperar os criminosos corrigíveis. Além de a educação recuperar o criminoso, ela também era uma medida preventiva ao crime, por isso Lessa defendia que as crianças e jovens deveriam receber educação moral e intelectual. Para Pedro Lessa, a educação era o principal motor para o progresso da nação, entretanto, seria também necessário realizar uma reforma econômica que garantisse um equilíbrio das desigualdades sociais. Se a função das Ciências Sociais era estudar a sociedade para solucionar problemas como a criminalidade, a História deveria oferecer juízos

corretos sobre o passado para acabar com o preconceito no presente. Assim, por meio dos estudos sobre Lisboa e Varnhagen, Pedro Lessa expressou os juízos a respeito do passado. Pude identificar nesses estudos que para o Juiz-Historiador o índio era inocente, os colonizadores portugueses eram boçais, os jesuítas eram incoerentes e os negros injustiçados. Logo, o passado que servia ao presente era aquele que reconhecesse o mal da escravidão e demonstrasse o quanto era hediondo o preconceito.

Busquei nesse trabalho – Pedro Lessa, um Juiz-Historiador: Nação, Patriotismo, Raça – investigar a *função* que Lessa exerceu na sociedade e, principalmente, no IHGB. Por esse motivo, reconheço que Pedro Lessa, o Juiz-Historiador, mergulhado nas discursividades de seu tempo, foi capaz de reordená-las e oferecer outras soluções para a criminalidade no Brasil. Pautado na teoria do determinismo psíquico, Lessa afirmava que a educação era necessária para a constituição moral e intelectual de um indivíduo. Com indivíduos de caráter bem formado e inteligentes, a nação progrediria, uma vez que as ciências se desenvolveriam. Contudo, para compreender a sociedade e eliminar o preconceito racial, as Ciências Sociais dependiam da História, dos corretos juízos a respeito do passado, oferecidos pelo historiador patriótico.

Referências:**Fontes:****1. Atas das Reuniões do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**

ACTAS DAS sessões de 1901. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo LXIV, parte II, p.153-316, 1901.

ACTAS DAS sessões de 1902. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo LXV, parte II, p. 407-536, 1903.

ACTAS DAS sessões [de 1903]. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo LXVI, parte II, p. 121-302, 1905.

ACTAS DAS sessões de 1904. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo LXVII, parte II p. 397-475, 1906.

ACTAS DAS sessões de 1905. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo LXVIII, parte II, p. 537-633, 1907.

ACTAS DAS sessões de 1906. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo LXIX, parte II, p. 287-463, 1908.

ACTAS DAS sessões [de 1907]. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo LXX, parte II, p. 643-820, 1908.

ACTAS DAS sessões de 1908. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo LXXI, parte II, p. 421-624, 1909.

ACTAS DAS sessões [de 1909]. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo LXXII, parte II, p. 301-429, 1910.

ACTAS DE sessões de 1910. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo LXXIII, parte II, p. 179-247, 1911.

ACTAS DAS sessões realizadas no anno de 1911. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo LXXIV, parte II, p. 473-719, 1912.

ACTAS DAS sessões realizadas no anno de 1912. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo LXXV, parte II, p. 221-582, 1913.

ACTAS DAS sessões realizadas no anno de 1913. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo LXXVI, parte II, p. 471-691, 1914.

ACTAS DE sessões de 1914. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo LXXVII, parte II, p. 497-653, 1916.

ACTAS DAS sessões de 1915. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo LXXVIII, parte II, p. 611-832, 1916.

ACTAS DAS sessões de 1916. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo 80, p. 611-868, 1917.

ACTAS DAS sessões de 1917. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo 82, p. 619-858, 1918.

ACTAS DAS sessões [de 1918]. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo 83, p. 293-587, 1919.

ACTAS DAS sessões de 1919. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo 85, v. 139, p. 311-627, 1921.

ACTAS DAS sessões de 1920. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo 87, v. 141, p. 365-531, 1921.

ACTAS DAS sessões de 1921. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo 90, v.144 p. 651-930, 1925.

ANEXO: Documentos completos sobre a Confederação do Equador. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo 83, p. 351-426, 1918 (1919).

2. Produções de Pedro Lessa

LESSA, Pedro. Discurso proferido no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. In: _____. *Discursos e Conferencias*. Rio de Janeiro: Typ do “jornal do commercio” de Rodrigues & C., 1916, p. 33-39. Também em: ACTAS DAS sessões [de 1907]. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo LXX, parte II, p. 643-820, 1908 (Discurso de Pedro Lessa, 717-720)

LESSA, Pedro. *Estudo de Filosofia do Direito*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comercio, Rodrigues & C. 1912.

LESSA, Pedro. João Francisco Lisboa. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo LXXVI, p. 65-98, 1915. Também em: LESSA, Pedro. João Francisco Lisboa (conferencia). In: _____. *Discursos e Conferencias*. Rio de Janeiro: Typ. do “Jornal do comércio” de Rodrigues & C. 1916, p. 119-165. E em: LESSA, Pedro. João Francisco Lisboa. In: SOCIEDADE DA CULTURA ARTISTICA. *Conferencias 1913-1914*. São Paulo: Off. Cardozo Filho & C., 1914, p. 149-202. Disponível em: <www.brasiliana.usp.br/bitstream/handle/1918/01711400/017114_COMPLETO.pdf>. Acesso em: 20 set. 2014.

LESSA, Pedro. Introdução. In: BUCKLE, Henri Thomas. *História da Civilização na Inglaterra*, tradução Adolfo J. A. Melchert. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica, v. I, 1900, p. III-CVIII. Também em: LESSA, Pedro. *É a história uma ciência?*. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica. E em: LESSA, Pedro. Reflexões sobre o conceito de história. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo LXIX, parte II, p. 195-286, [1906]1908.

LESSA, Pedro. O direito no século XIX. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo LXVIII, parte II, 1907. Também em: LESSA, Pedro. O direito no século XIX. *Revista da Faculdade de Direito de São Paulo*, v. VIII, p. 161-207.

SESSÃO SOLENE especial, em 17 de fevereiro de 1916, comemorativa do centenário do nascimento do Visconde de Porto Seguro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Tomo 80, 1917, p. 611-666.; Também em: LESSA, Pedro.

Conferência no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: Francisco Adolfo de Varnhagen. In: _____. *Discurso e Conferência*. Rio de Janeiro: Typ do “Jornal do Commercio” de Rodrigues & C, 1916, p. 183-262.

3. Outra Produção

A PUBLICAÇÃO da “História da Independência” do Visconde de Porto-Seguro pelo Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Tomo LXXIX, parte I, p. 7-21, 1916 (1917).

VON MARTIUS, Carlos Frederico. Como se deve escrever a História do Brasil. *Revista trimestral de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, nº24, jan. 1845, p. 381-403

4. Matérias em jornais:

ARTES E ARTISTA. In: *Estado de S. Paulo*. 27 mar. 1913. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19130327-12517-nac-0002-999-2-not/busca/Pedro+Lessa>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

LULA ESCOLHE primeiro negro para ministro do STF. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u48785.shtml>>. Acesso em: 16 ago. 2016.

NOTÍCIAS DIVERSAS. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo: 30 nov. 1907, p. 2. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19071130-10584-nac-0002-999-2-not/busca/Pedro+Lessa>>. Acesso em 19 abr. 2016.

NOTÍCIAS DIVERSAS. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo: 1 dez. 1907, p. 2. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19071201-10585-nac-0002-999-2-not/busca/PEDRO+LESSA+Pedro+Lessa>>. Acesso em 19 abr. 2016.

STF JÁ teve dois ministros mulatos, diz historiadora. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u48817.shtml>>. Acesso em: 16 ago. 2016.

TELEGRAMAS. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo: 6 nov. 1907, p.1. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19071106-10560-nac-0001-999-1-not/busca/Pedro+Lessa>>. Acesso em: 19 de abr. 2016.

Bibliografia:

ALMEIDA, Marta de. Congresso e exposições científicas: tema e fontes para a história. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antônio Augusto Passos (orgs.). *Ciência, civilização e república nos tópicos*. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2010, p. 197-208.

ALMEIDA, Marta de. Congresso Científico na América Latina: espaços de debate, exposições e intercâmbios. In: BARBOZA, Christina Helena da Motta (org.). *História de Ciência e Tecnologia no Brasil*, v. 3. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciência, 2016, p. 94-105.

ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra 2002.

ALVARES, Marcos César. *Bacharéis, criminologistas e juristas*. Saber jurídico e Nova Escola Penal no Brasil. São Paulo: Método, 2003.

ÂNGELO, Ivan. *85 Anos de Cultura: História da Sociedade de Cultura Artística*. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

ARANA, Hermas Gonçalves. *Positivismo: reabrindo o debate*. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

ARAÚJO, Valdeí. Henri Thomas Buckle (1822-1862). In: MARTINS, Estevão Rezende (Org.). *História Pensada: Teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 217-225.

ASHEY, W. J. James E. Thorold Rogers. *Political Science Quarterly*. v. 4, n. 3, p. 381-407, sep. 1889. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/2139135>> Acesso em 1 fev. 2016.

ASSIS, Arthur. Ernst Bernheim (1850-1942). In: MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). *História pensada: teoria e método na historiografia europeizado século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 47-51.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: _____. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira, revisão Andréia Stahel M. da Silva. (2ª ed.) São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 57-64.

BÔAS FILHO, Orlando Villas. Ancient Law – Um clássico revisitado 150 anos depois. *Revista da Faculdade de Direito Universidade de São Paulo*, v 106/107 p. 527-562, jan./dez. 2011/2012.

BOBBIO, Norberto. CARLE, Giuseppe. *Treccani, la cultura italiana*. Disponível em: <[http://www.treccani.it/enciclopedia/giuseppe-carle_\(Dizionario_Biografico\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/giuseppe-carle_(Dizionario_Biografico)/)>. Acesso em: 4 fev. 2016.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 183-191.

CABRAL, André da Costa. *Escritores na correspondência passiva do crítico Literário Plínio Barreto*. 2009. Dissertação (Mestre em Literatura Brasileira). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo. Introdução – Lisboa e Timon: o drama dos liberais do Império. In: LISBOA, João Francisco. *Jornal de Timon: partidos e eleições no Maranhão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARVALHO, Ricardo Souza. Cunha: leitor de histórias e romances do século XIX. *Teresa revista de Literatura Brasileira* [14]; São Paulo, p. 37-48, 2014.

CATHARINO DE SOUZA, Alex. Origens e evolução da ciência da riqueza e da pobreza: Uma análise histórica da filosofia social dos economistas clássicos. In: *Metavóia*, São João del-Rei, nº 6, p. 31-58, 2004.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: _____. *A Escrita da História*. [Tradução de L'Écriture de l'Histoire]. (2ª ed.), Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária. 2002, p. 65-119.

CEZAR, Temistocles. Como deveria ser escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual. In: PESAVENTO, Sandra (org.). *História cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 173-208.

_____. Fustel de Coulanges. In _____. MALEBAR, Jurandir (Org). *Lições da História: o caminho da ciência no longo século XIX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 307-317.

_____. Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência. *Topoi*, v.8, n.15, jul-dez.2007, p. 159-207. Disponível em:

<http://www.revistatopoi.org/numeros_antteriores/topoi15/topoi%2015%20-%20artigo7.pdf>
Acesso em 20 abri. 2015.

_____. Varnhagen entre os antigos, os modernos e os “selvagens”: estudo introdutório de “A origem turaniana dos tupis e dos antigos egípcios”. GUIMARES, Lucia Maria Paschoal; GLEZER, Raquel (Orgs). *Varnhagen no caleidoscópio*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013, p. 317-345.

COMTE, Auguste. Curso de Filosofia Positiva. In: *Comte*. (trad. José Arthur Giannotti). São Paulo: Nova Cultura, 1988, p. 1-39. (Coleção – Os Pensadores).

COSTA, Cruz. *O positivismo na República*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

COSTA, Emília Viotti da. *Supremo Tribunal Federal: e a construção da cidadania*. (2ª ed.), São Paulo: Editora UNESP, 2006.;

COUTINHO, Aureliano de Souza e Oliveira. Discurso inaugural do curso de história do direito no ano 1896 proferido pelo lente catedrático Desembargador Dr. Aureliano de S. e O. Coutinho. *Revista da Faculdade de Direito de São Paulo*, v. 4, p. 35-49. 1896. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rfdsp/article/view/64926/67538>>, acessado em 16 out. 2015.

D'AGUANNO, Giuseppe. Dicionário Biográfico degli italiani – volume 31 (1985). Disponível em: <[http://www.treccani.it/enciclopedia/giuseppe-d-aguanno_\(Dizionario_Biografico\)](http://www.treccani.it/enciclopedia/giuseppe-d-aguanno_(Dizionario_Biografico))>. Acesso em 1jan. 2016.

DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

_____. *Leituras, Projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

DETONI, Piero. *A síntese como desafio historiográfico na Primeira República*. Pequenos estudos de caso. 2013. 157f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana-MG, 2013.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. [Trad. Luiz Felipe Beata Neves]. – (8ª ed.), Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

_____. *O que é um autor?*. Trad. Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Nova Veja, 2006.

FRANKLIN HENRY GIDDINGS. Your Dictionary. Disponível em: <<http://biography.yourdictionary.com/franklin-henry-giddings>>. Acesso em 31 jan. 2016.

GEORGE, Albert J. The life and work of Emile Littré (1801-1881). *Comparative Literature*, v. 13, n. 3, p. 285-286, 1961. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1769011>>. Acesso em 21 jan. 2016.

GIL, Otto. Comemoração do centenário de nascimento de Pedro Lessa. *Revista da Faculdade de São Paulo*, v. 54, nº 2, p. 62-68, 1959.

GINZBURG, Carlo. *El juez y el historiador: Consideraciones al margen del proceso Sofri*. [trad. Alberto Clavería]. Madrid: Anaya & Mario Muchnik, 1993.

GOMES, Ângela de Castro. “É a história uma ciência?”: o IHGB e os historiadores da Primeira República. In: _____. *A república, a história e o IHGB*. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009, p. 21-52.

_____. História, ciência e historiadores na Primeira República. In: HEIZER, Alda. VIDEIRA, Antônio Augusto Passos. *Ciências, civilizações e república nos trópicos*. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2010, p. 11-29.

_____. *História e Historiadores*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. Pedro Lessa, Reflexões sobre o conceito da História. In: NICOLAZZI, Fernando. *História e historiadores no Brasil: do fim do império ao alvorecer da República (1870-1940)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015, p. 67-168.

GRAEBIN, Cleusa Gomes (Org). *Revisitando o Positivismo*. Canoas: La Salle, 1998.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Francisco Adolfo de Varnhagen. In: _____. *Historiografia e Nação no Brasil: (1838-1857)*. Tradução de Paulo Knauss e Ina de Mendonça. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, p. 165-227.

_____. História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, vol. VII, p. 389-410, jul.-out. 2000.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Biografia: Francisco de Adolfo de Varnhagen*. Disponível em <<http://www.usp.br/labteo/varnhagen/>>. Acesso em 3 out. 2016.

_____. *Da Escola Platina ou Silogeu: Instituto Geográfico Brasileiro (1889-1938)*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2007.

HARTOG, François. O Advogado e o Historiador. _____. *A História de Homero a Santo Agostinho*. [Trad. Jacyntho Lins Brandão]. Belo Horizonte MG: Ed. UFMG, 2001, p. 143-185.

HEAVEY, Jerome F. Henry George, Emile de Laveleye, and the Issue of Peasant Proprietorship. *The American Journal of Economics and Sociology*, v. 67, nº1, p. 47-60, jan. 2008. Disponível em < <http://www.jstor.org/stable/27739690>>. Acesso em 1 fev. 2016.

HERRERO, Alejandro. El romanticismo em Francia. El estudio de um caso. “Introducción General a la Historia del Derecho” de Eugenio Lerminier (1829). *Prohistoria* 4, p. 95-115, 2000.

HORBACH, Carlos Bastide. *Memória Jurisprudencial: Ministro Pedro Lessa*. Brasília: Supremo Tribunal Federal, 2007. (Série memória jurisprudencial).

HRUBY, Hugo. *Obreiros diligentes e zelosos auxiliando no prepara da grande obra: a História do Brasil no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. (1889-1912). 2007. 233f. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, 2007.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. *João Francisco Lisboa: jornalista e historiador*. São Paulo, Ática. 1977.

LEAL, Elisabete da Costa. *Filósofos em Tintas e Bronze: arte, positivismo e política na obra de Décio Villares e Eduardo de Sá*. Rio de Janeiro, 2006. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

LIMA, Ivana Stolze. Luís Maria da Silva pinto e o Dicionário da Língua Brasileira. *Humanas*, Porto Alegre, v. 28, n.1, p. 33-67, 2006.

LINS, Eduardo. Prefácio. In: LESSA, Pedro. *Reforma Constitucional*. Rio de Janeiro: Editora Brasileira Lux, 1925, p. VII-XXXII.

LINS, Ivan. *História do Positivismo no Brasil*. (2ª ed). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967

KOSELLECK, Reinhart. *Historie, droit et justice*. [Trad. Alexandre Escudier]. _____. *L'expérience de l'histoire*. Paris: Points, 2011, p. 211-236.

KOSELLECK, Reinhart. História Magistra Vitae: sobre a dissolução dos topos na história moderna em movimento. In: _____. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006, p. 41-60.

KUHLMANN JR, Moysés. Congressos profissionais no final do século XIX e início do século XX: ciência e política. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antônio Augusto Passos (orgs.). *Ciência, civilização e república nos trópicos*. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2010. p. 179-195.

MACIEL, Adhemar Ferreira. O acaso, John Marshall e o controle de constitucionalidade. *Brasília*, a. 43, n. 173, p. 37-44, out./dez. 2006.

MADUREIRA, Vicente Antônio Rodrigues. José Cândido de Moraes e Silva: Outras histórias (1828-1831). *Outros Tempos*, v. 6, nº 8, dez/2009, p. 75- 95. Disponível em: <<http://www.outrostempos.uema.br/vol.6.8.pdf/Vicente%20Madureira.pdf>>. Acesso em 04 jun. 2015.

MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*. Bauru-SP: EDUSC; São Paulo-SP: FAPESP, 2001.

MARCHETTI, Maurizio. *O estatuto do direito no comtismo brasileiro*. 15 de agosto de 2001. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Campinas, UNICAMP, 2001.

MARTINS, Estevão de Rezende. Theodor Mommsen (1817-1903). In: _____. (Org). *História Pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 101-110.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra: representação do brasileiro, 1870-1920*. São Paulo: Annablume, 1998.

NOGUEIRA, Rubem. Pedro Lessa e a sua influência na evolução constitucional do Brasil. *Revista da Faculdade de São Paulo*, v. 54, nº 2, p. 69-85, 1959.

O LEGAGO de Pedro Lessa. Direção de Alan Arrais. Produção de Ramyris Amaral, Comunicação geral da Secretaria de Comunicação – STF. Brasília: TV Justiça, 2015. Vídeo. Duração 25 min e 24 seg.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeiro República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Crítica, método e escrita da história em João Capistrano de Abreu*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

_____. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

PAIM, Antônio. *Os Intérpretes da filosofia brasileira*. Estudo complementares à história das ideias filosóficas no Brasil. Londrina-PR: Editora UEL, 1999.

PERRONE-MOISÉS, Leyla (Org). *Do positivismo à desconstrução: Ideias Francesas na América*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2004.

PORCHAT, Reynaldo. O pensamento filosófico no primeiro século da Academia. *Revista da Faculdade de Direito de São Paulo*, v. 24, p. 353-374, 1928.

QUEIRÓZ, Suelly Robles Reis de. Escravidão Negra em Debate. In: FREITAS, Marcos César de. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998. p. 103-117.

REALE, Miguel. Pedro Lessa e a Filosofia positiva em São Paulo. *Revista da Faculdade de São Paulo*, v. 54, nº 2, p. 12-61, 1959.

RELATOR. In: *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. (2º volume). Lisboa: Imprensa Nacional, 1881, p. 1512.

RELATOR. In: *Dicionário da Língua Brasileira*. Ouro Preto: Typografia da Silva, 1832, p. 916.

RELATOR. In: *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa*. (5º Volume). Porto: Typographia de Antônio José da Silva Teixeira, 1874, p. 177.

RELATOR. In: *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (2º volume). Lisboa: Livraria Editora Tavares, Cardoso & Irmão, 1899, p. 437.

REBELLO, Edgar de Castro. Pedro Lessa. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 245, p. 293-305, 1959.

RIBEIRO, João Coelho Gomes. Henrique Thomas Buckle. BUCKLE, Henry Thomas. *História da civilização na Inglaterra*, v. I. Trad. Adolfo J. A. Melchert. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica, 1900, p. CIX-CXXXV. E também em: RIBEIRO, João Coelho Gomes, H. T. Buckle. Ensaio bio-bibliográfico. In: _____. *Estudos Contemporâneos*. São Paulo: Duprat & C. 1907, p. 51-73.

RICOEUR, Paul. O historiador e o juiz. In: _____. *A memória, a história, o esquecimento*. [Trad. Alain François]. Campinas, SP: UNICAMP, 2007. p. 330-347.

RODRIGUES, Lêda Boechat. *História do Supremo Tribunal Federal: Defesa do Federalismo* (1899-1910). (2ªed). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1991a.

_____. *História do Supremo Tribunal Federal: Doutrina Brasileira do habeas-corpus* (1910-1926). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. S. A., 1991b.

ROMERO, Silvio. A filosofia da história de Buckle e o atraso do povo brasileiro. In: _____. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1888, p.27-49.

ROSA, Roberto. *Pedro Lessa: O Marshal Brasileiro*. Brasília: Horizonte; INL, 1985.

SÁ, Dominichi Miranda de. *Ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil* (1895-1935). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Jules Michelet. In: MALEBAR, J. (org). *Lições de História: caminhos da ciência no século XIX*. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2010, p. 91-131.

_____. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história Política*. [Tradução Dora Rocha]. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231-269.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Em busca do Brasil: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro* (1905-1935). 2012. Tese (Doutorado em História das Ciências), Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2012.

SEMLALI, Yusef. Eugène de Roberty (1843-1915). Une page peu connue de l'histoire de la sociologie. In: *Hal archives-auverte.fr*. 22p, 2005. Disponível em < https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00003964/file/Eugene_de_Roberty.pdf>. Acessado em 31 jan. 2016.

SILVA, Barbara Winther. *A escrita da história no IHGB no final do Império e Primeira República*. 2015. 102f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-RJ, 2015.

SILVA, Helenice Rodrigues. Charles Seignobos. In: _____. MALERBA, Jurandir (Org). *Lições de História: O caminho da ciência no longo século XIX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 375-381.

SUPPO, Hugo Rogélio. Ciências e Relações internacionais: O Congresso de 1905. *Revista da SBHC*, São Paulo, nº1, p. 6-20, 2003.

TEIXEIRA, Braz Antônio. *A filosofia jurídica brasileira do século XIX*. Lisboa: Edições Húmus, 2011.

VERBETE. *A Manhã*. Acervo virtual do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Disponível em:
<<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso em 24 set. 2015.

WEYMAR, Lúcia Bergamaschi Costa. A questão da autoria e da morte do autor. *Paralelo 31*. Ed. 1ª, p. 129-137, dez 2013. Disponível em:
<http://wp.ufpel.edu.br/paralelo31/files/2014/02/10_artigo09_lucia.pdf>. Acesso em 8 out. 2015.